

A menina dos fósforos

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Fazia um frio terrível. Nevava e começava a escurecer; era também a última noite do ano, a véspera de Ano-Novo. Naquele frio e naquela escuridão, uma pobre menininha andava pela rua, de cabeça descoberta e pés descalços. Sim, ao sair de casa ela tinha chinelos, mas de que adiantara? Eram chinelos muito grandes, tão grandes que a mãe havia sido a última a usá-los. A menina os perdera ao atravessar a rua às pressas, quando duas carruagens passaram numa velocidade terrível. Um dos chinelos não foi encontrado; com o outro, um menino saiu correndo. Disse que poderia usá-lo de berço quando tivesse filhos.

Agora a menina andava com os pezinhos nus, vermelhos e azulados de frio. Levava muitos fósforos num avental velho e um maço na mão. Ninguém lhe comprara nada durante o dia inteiro; ninguém lhe dera um pequeno skilling. Faminta e enregelada, caminhava tão abatida, a pobrezinha! Flocos de neve caíam nos longos cabelos loiros, que se encrespavam tão bonitos junto à nuca, mas ela não pensava naquele enfeite. As luzes brilhavam de todas as janelas, e na rua havia um cheiro delicioso de ganso assado. Era véspera de Ano-Novo; sim, nisso ela pensava.

Num canto entre duas casas, uma um pouco mais avançada sobre a rua que a outra, sentou-se e se encolheu. Puxara as perninhas para debaixo do corpo, mas sentia ainda mais frio. Não se atrevia a voltar para casa: não vendera nenhum fósforo, não recebera um único skilling, e o pai bateria nela. Em casa também fazia frio. Só tinham o telhado logo acima deles, e o vento assobiava

pelas frestas, embora tivessem tapado as maiores com palha e trapos. Suas mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ah, um pequeno fósforo poderia fazer bem! Se ao menos ousasse tirar um do maço, riscá-lo na parede e aquecer os dedos! Tirou um: “Risc!” Como faiscou, como ardeu! Era uma chama quente e clara, como uma velinha, quando pôs a mão ao redor. Era uma luz estranha. A menina teve a impressão de estar sentada diante de uma grande estufa de ferro, com esferas reluzentes de latão e um cilindro do mesmo metal. O fogo ardia de modo tão abençoado, aquecia tão bem! Mas o que foi aquilo? A pequena já estendia os pés para aquecê-los também quando a chama se apagou. A estufa desapareceu, e ela ficou com um pequeno toco do fósforo queimado na mão.

Riscou outro. Ele ardeu, iluminou, e, onde a luz batia no muro, este ficou transparente como um véu. Ela enxergou o interior da sala: a mesa posta com uma toalha branca e brilhante, porcelana fina e o ganso assado, recheado de ameixas secas e maçãs, soltando um vapor delicioso. Mais esplêndido ainda: o ganso saltou da travessa e veio bamboleando pelo chão, com garfo e faca nas costas, direto para a pobre menina. Então o fósforo se apagou, e só se via o muro grosso e frio.

Acendeu outro. Agora estava sentada sob a mais bela árvore de Natal, maior e mais enfeitada que a que vira pela porta de vidro na casa do rico comerciante, no último Natal. Mil velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que enfeitavam as vitrines, olhavam para ela lá de cima. A menina ergueu as duas mãos, e o fósforo se apagou. As muitas luzes de Natal subiram cada vez mais alto; ela viu que agora eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e deixou uma longa faixa de fogo no céu.

“Agora alguém está morrendo!”, disse a pequena, pois a velha avó materna, a única que fora boa para ela, mas que agora estava morta, lhe dissera: quando uma estrela cai, uma alma sobe para Deus.

Tornou a riscar um fósforo no muro. A luz se espalhou ao redor, e no clarão estava a velha avó, tão clara, tão radiante, tão mansa e abençoada.

“Vovó!”, gritou a pequena. “Ah, leve-me com você! Sei que vai desaparecer quando o fósforo se apagar, desaparecer como a estufa quente, o delicioso ganso assado e a grande e abençoada árvore de Natal!” E riscou depressa todos os fósforos que restavam no maço, pois queria muito conservar a avó ali. Os fósforos brilharam com tanto esplendor que era mais claro que o dia. Nunca a avó fora tão bela, tão grande. Ergueu a menina no braço, e as duas voaram em esplendor e alegria, tão alto, tão alto! E não havia frio, nem fome, nem angústia: estavam com Deus.

Mas no canto junto da casa, na fria manhã, estava sentada a menina de faces vermelhas e sorriso nos lábios: morta de frio na última noite do ano velho. A manhã de Ano-Novo nasceu sobre o pequeno cadáver sentado com os fósforos, dos quais um maço estava quase todo queimado. “Ela quis se aquecer”, diziam. Ninguém sabia as coisas belas que vira, nem em que esplendor entrara com a velha avó na alegria do Ano-Novo.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-menina-dos-fosforos>